

6.º

congresso

do

algarve

1990

14-17 fev.

vol. 1





6.º
Congresso
do
Algarve

comunicações

vol. 1



RACAL CLUBE

NOTA MONTCHORO

14-77 lev. 1990

1970-1990 — 20 ANOS AO SERVIÇO DO ALGARVE

6.º congresso do algarve

SECRETARIO-GERAL:

JOÃO DOMINGOS GONÇALVES FERREIRA

SECRETARIO REGIONAL:

JOSÉ ALBERTO SILVA PEREIRA

BANCOS APOIANTES DO 6. CONGRESSO DO ALGARVE



MONTEPIO GERAL

Faro

Portimão



BANCO ESPIRITO SANTO & COMERCIAL DE LISBOA

Faro

Loule

Portimão

Alcoutim

Olhão

Almansil

Faro-S. Luís

Salir

Montechoro



BANCO COMERCIO E INDUSTRIA



BANCO DE FOMENTO NACIONAL



CAIXA DE CREDITO AGRICOLA MUTUO DE SILVES



CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Faro

Albufeira

Alcoutim

Aljezur

Areias S. João

Castro Marim

Lagoa

Lagos

Loulé

Monchique

Olhão

Portimão

Quarteira

Silves

S. Brás de Alportel

Tavira

Vila do Bispo

Vila Real S. António



6.º
congresso
do
algarve

INTRODUÇÃO

Este livro de comunicações é o resultado do trabalho desenvolvido no âmbito do Congresso do Algarve, realizado em Faro, nos dias 14, 15 e 16 de fevereiro de 1990, sob a presidência do Sr. António Bentes.

O trabalho que o Congresso do Algarve tem significado para a promoção e divulgação da investigação e do conhecimento científico e tecnológico, tal como se vem realizando há muitos anos, é a realização de reuniões científicas e tecnológicas.

Desde que o nosso país tem desenvolvido uma política de desenvolvimento científico e tecnológico, o Algarve, no âmbito do 6.º Congresso do Algarve, tem realizado reuniões científicas e tecnológicas.

Este livro de comunicações é o resultado do trabalho desenvolvido no âmbito do Congresso do Algarve, realizado em Faro, nos dias 14, 15 e 16 de fevereiro de 1990, sob a presidência do Sr. António Bentes.

comunicações

vol. 1

Este livro de comunicações é o resultado do trabalho desenvolvido no âmbito do Congresso do Algarve, realizado em Faro, nos dias 14, 15 e 16 de fevereiro de 1990, sob a presidência do Sr. António Bentes.

O trabalho que o Congresso do Algarve tem significado para a promoção e divulgação da investigação e do conhecimento científico e tecnológico, tal como se vem realizando há muitos anos, é a realização de reuniões científicas e tecnológicas.

Desde que o nosso país tem desenvolvido uma política de desenvolvimento científico e tecnológico, o Algarve, no âmbito do 6.º Congresso do Algarve, tem realizado reuniões científicas e tecnológicas.

Este livro de comunicações é o resultado do trabalho desenvolvido no âmbito do Congresso do Algarve, realizado em Faro, nos dias 14, 15 e 16 de fevereiro de 1990, sob a presidência do Sr. António Bentes.



RACAL CLUBE
HOTEL MONTECHORO
14-17 fev. 1990

1870150 = 20 ANOS AO SERVIÇO DO ALGARVE

VESTÍGIOS MUÇULMANOS NO NORDESTE ALGARVIO

E O CASTELO VELHO DE ALCOUTIM

Helena Catarino

1. Vestígios de povoamento

No âmbito da Arqueologia Medieval, o estudo do povoamento rural tem sido pouco praticado em Portugal, porquanto à falta de prospecções se acrescentam as falhas de escavações sistemáticas que permitam uma abordagem da paisagem rural na sua globalidade. Na medida em que não devemos dissociar a ocupação humana de uma região do tipo de recursos naturais e das condicionantes solo/produktividade, é nos espaços interiores e nas regiões elevadas, onde se têm perpetuado os métodos agrícolas tradicionais, que vamos encontrar os vestígios do passado melhor conservados.

O Nordeste algarvio, definido por uma zona planáltica e montanhosa, profundamente ligada ao Guadiana e seus principais afluentes, favoreceu a concentração de pequenos núcleos de habitat medieval que têm vindo a ser prospectados nas áreas de influência do povoamento fortificado da região. Assim, quer na freguesia do Azinhal (Castro Marim) quer no concelho de Alcoutim tenho identificado vários núcleos de ocupação muçulmana, por vezes com antecedentes romanos e visigóticos como parece evidenciar-se na povoação de Clarines (Giões). Trata-se quase sempre de pequenas alcarias ou casais localizados em vales relativamente férteis ou a

zona escarpa de serras pouco elevadas, nada ao graças a uma exploração racional dos recursos naturais de poderem criar condições de fixação.

Essas formações mostram uma certa uniformidade de vestígios de superfície, produzidos ao redor de materiais de construção, de que se salientam algumas lajeolinas e telhas de meia casa atulhada, de pedras grosseiras e sempre profusamente decoradas com linbo ou linhas finíssimas entalhadas e em zigzagues. As cordilheiras apresentam-se muito irregulares e coladas, prendendo-se em cordilheiras não vitórias da pasta grossa com decoração finca, serrilhada decorada com traços de cor esbranquiçada e alçados de cor esalado e demarcado a saída de menagem. Embora alguns estilos sejam conhecidos desde o século passado pelo seu conjunto ruínas, verificou-se frequentemente uma continuidade do habitat no período medieval, pelo menos em algumas zonas, salientando-se pequenas casais ou em alvarias e já David Lopes (D. Arch. Port. vol. I, 1885:97-108) refere alguns achados de pedras Calafate provenientes de Corte Segura e uma pedra basal recolhida em Almada de Duró.

3. Ruínas fortificadas

De ruínas fortificadas encontramos até agora perspectivas situadas em pontos estratégicos, por exemplo no paragem e dominar os cursos de água, designadamente o rio Guadiana (Castelo Velho de Alcoutim) e as ribeiras do rio Guadiana (Castelo de Alcoutim) e as ribeiras do rio Guadiana (Castelo de Alcoutim). O Castelo de

Castelo e Beliche (Castelo e Alvarias de Alta Moura). Geralmente se encontram isolados, uma das outras pela divergência uma espécie de linbo de apoio regional ao povoamento rural, especialmente em zonas agro-pastoris, nichos ou de simples paisagens rurais.

A sua simplicidade morfológica tem sido a proximidade ao relógio e a localização de Beliche foram um conjunto territorial homogêneo que abarcava um vale de cerca de 10/12km. As proximidades do Castelo das Belichas ou do Castelo Velho de Alcoutim os povoados situam-se aproximadamente a uma distância de 4/5km enquanto que ex Castelo e Alta Moura os situam entre 2/3km, demonstrando uma maior densidade de povoamento rural.

3. O Castelo Velho de Alcoutim

Durante as quatro décadas de pesquisas efectuadas no Castelo Velho de Alcoutim identificaram-se 4 conjuntos habitacionais e uma cisterna. Nota-se a existência relativamente bem conservada visto que no período de abandono se sucedeu a ruína das telhadas e das estruturas que melaram o nível do habitat.

A maior concentração de espólio exumado ocorreu em nível de abandono (Zona 0) e concentra-se no interior dos compartimentos, correspondendo a fragmentos de cerâmica com a cerâmica decorada a verde e amarela. Produziram-se as cerâmicas da viduada que se integram em formas tocadas de uso cotidiano. As pequenas panelas e potes possuem uma pasta

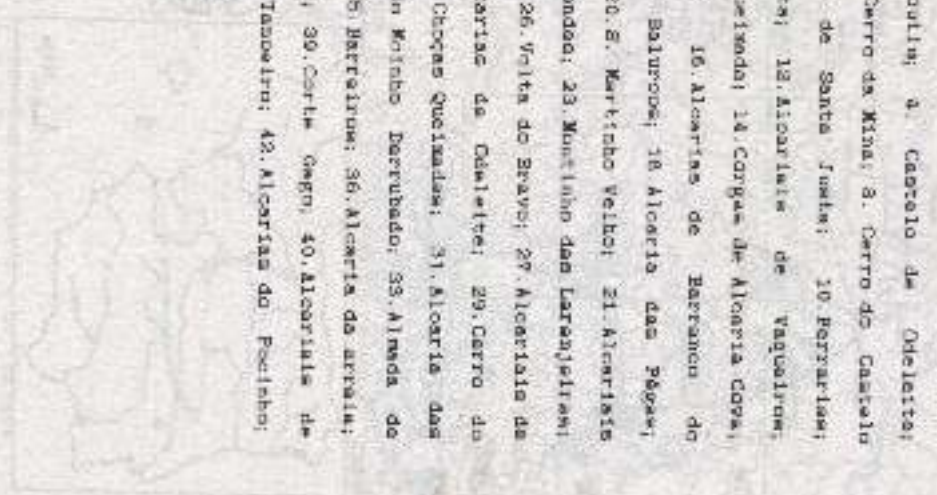
4ª leitura pouco completa, de cor castanho amarelado (n.º 4 e 5) e castanho amarelado (n.º 3). As superfícies em rugosa e apresentam manchas de queimado aderente. Caracterizam-se por uma certa homogeneidade de formas, com bordos arredondados e linhas estranhas, de onde partem as asas, possuem cristas curvas com perfil curvo-concavo na direção contrária com a parede, de paredes curvo-concavas e fundo plano (n.º 5). Acostumam-se a pretos não vidrados, de pastas mais doleritadas (CSP) ou castanho claro (CGL) e que podem apresentar vestígios de espatulado luteado para melhor impermeabilização. Este tipo de pretos, com fundo arredondado e empesado, corpo de perfil transocêntrico invertido a convergir para um fundo plano ou ligeiramente abaulado, pode existir em, juntamente com as panelas já referido, em protótipos de tradição mais antiga, procurando-se os mesmos tipos de fabricos durante o período celtico. Também do mesmo período são as cerâmicas decoradas a verde e xangana (n.º 6 e 7) e a castanha (n.º 8). Possuem pastas esbranquiçadas ou brancas amareladas, com textura muito suavel, e em superfícies apresentam uma fina camada de engobe branco sobre a qual aparece a decoração.

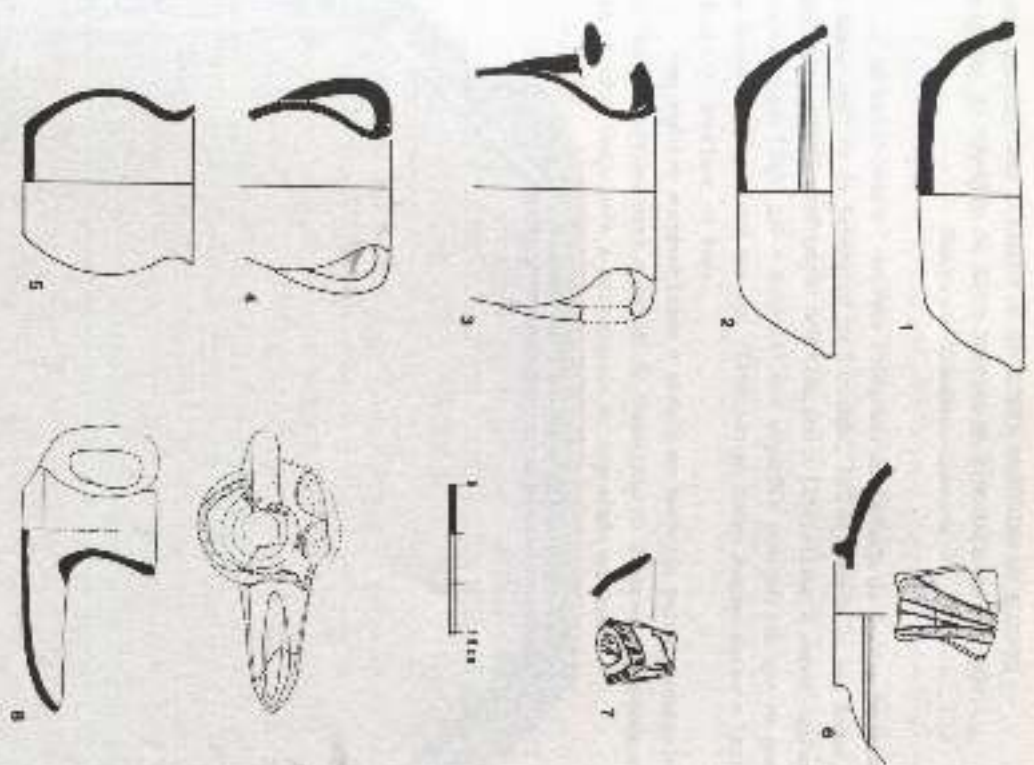
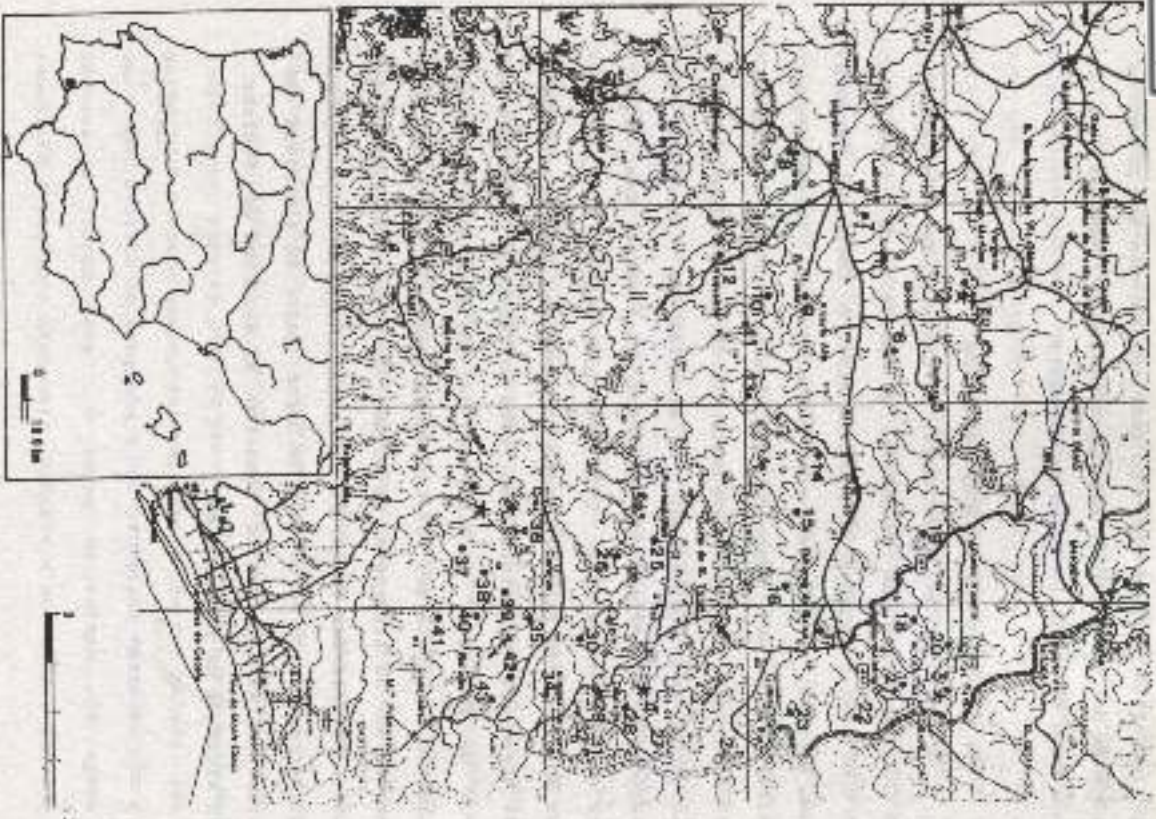
As cerâmicas, tidas indicadores cronológicos disponíveis, apontam para um abando do castelo num período anterior à altura das cerâmicas vidradas de cor verde com decoração a verde de temperatura e das cerâmicas decoradas com a técnica da "cruza seca". O tipo de fundo até agora recolhido é bastante frequente durante o século X, podendo

prolongar-se o mesmo tipo de fabricos durante as primeiras décadas do século XI, sendo provavelmente desta altura o abandono do Castelo velho de Alentejo.

4. Lista dos principais sítios

1. Castelo de Alto Morei;
2. Castelo das Bellugas;
3. Castelo velho de Alentejo;
4. Castelo de Odalite;
5. Clarim; 6. Saltoas;
7. Cerro de Xinal;
8. Cerro do Castelo de Barrada;
9. Alentejo de Santa Justa;
10. Barragem;
11. Alentejo de Mesquita;
12. Alentejo de Vaqueiros;
13. Alentejo de Alentejo Queimado;
14. Carga de Alentejo Coza;
15. Cerro das Oliveiras;
16. Alentejo de Barranco do Sombroso;
17. Cerro do Baluroso;
18. Alentejo das Póças;
19. Alentejo de Gerolaci;
20. S. Martinho velho;
21. Alentejo do Montinho;
22. Vale de Conda;
23. Montinho das Larejais;
24. Alentejo, 25. Purasimões;
26. Volta do Bravo;
27. Alentejo de Vos de Odalite;
28. Alentejo de Odalite;
29. Cerro do Castelo de Odalite;
30. Cargas Queimadas;
31. Alentejo das Ametras;
32. Alentejo em Koinho Derribado;
33. Almada de Guro;
34. Vale das Geseis;
35. Barragem;
36. Alentejo de arvaiz;
37. Koroquili;
38. Puro Vaz;
39. Cerro Gern;
40. Alentejo de Alentejo;
41. Alentejo do Tasseiro;
42. Alentejo do Pochinho;
43. Alentejo de Figueira.





Ex.: - Canteiro Velho de Alcantaria.
 Pratos em vidrados (1 e 2); panelas e pote (3 a 5); melros
 decorados a verde e mangada (6 e 7) e candeia (8).

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de
Documentação

v

1

